



Glória e identidade na *Nemeia* 10 de Píndaro¹

Glory and identity in Pindar's *Nemean* 10

María Natalia Bustos²

e-mail: natbustos@yahoo.it

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9804-9974>

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v6i1.18466>

Resumo: O tema da “identidade” na *Nemeia* 10 de Píndaro parece não ter sido tratado com suficiente atenção pelos estudiosos, que apontam, sobretudo, os tópicos da amizade, lealdade e comunicação entre deuses e homens como os tópicos essenciais desta Ode. Este trabalho sublinha a importância do tema da “identidade” na *Nemeia* 10 de Píndaro. Nesta Ode, Píndaro enfatiza que a tradição e os traços inatos que constituem a identidade de uma pessoa ou cidade são resultado não só de herança, mas também das escolhas pessoais feitas em relação aos outros homens e aos deuses. Ela destaca também a intervenção dos deuses na definição da identidade de uma pessoa ou cidade e na concessão de glória e imortalidade.

Palavras-chave: glória; identidade; imortalidade; justiça; fidelidade

Abstract: The theme of “identity” in Pindar's *Nemean* 10 has been overlooked by scholars who have referred, especially, to the topics of friendship, loyalty and communication between men and god as essential topics of this Ode. This paper underlines the importance of the theme of “identity” in Pindar's *Nemean* 10. In this Ode, Pindar emphasizes that the innate traits and tradition that constitute the identity of a person or city are the result, not only of heritage, but also of the personal choices made in relation with other men and the gods. It also highlights the intervention of the gods in defining the identity of a person or city and in granting glory and immortality.

Keywords: glory; identity; immortality; justice; fidelity

¹ Texto traduzido por Camila de Moura Silva. A versão original deste artigo, em inglês, pode ser acessada diretamente pelo DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v6i1.15621>

² Doutora em Letras Clássicas pela Fordham University, New York, Estados Unidos.



A maioria dos estudiosos destaca como temas fundamentais da *Nemeia* 10 de Píndaro a relação entre o humano e o divino, a importância da amizade e da lealdade e o problema da morte e da imortalidade. Farnell afirma que “o mito de Castor e Polideuces expressa e enobrece o sentimento da amizade, um ideal moral emocional que foi cultivado apaixonadamente pelos gregos e que integrou como elemento único o mais elevado sistema ético da Grécia³”. De acordo com Stern, “o seu tema é, aparentemente, a comunicação existente entre o mundo dos homens e o mundo do divino⁴”. Na visão de Bowra, trata-se de “uma história de lealdade até a morte e sacrifício extremo, mas também de justiça divina e fidelidade⁵”. Young analisa a ideia mortal/imortal presente na Ode e declara que “o seu uso em relação ao vitorioso pode ser inclusive a maior contribuição do mito”; assim como Castor e Polideuces partilham mortalidade e imortalidade, o vitorioso é mortal, mas possui a imortalidade da glória⁶.

De fato, amizade, lealdade e comunicação entre homens e deuses são, sem dúvida, tópicos essenciais desta Ode. Porém, pode-se dar uma contribuição para a compreensão desse poema ao sublinhar-se a importância da “identidade” como um de seus temas fundamentais.

Na quarta e na quinta tríades da Ode (linhas 55-90), o poeta apresenta o mito de Castor e Polideuces. Esses irmãos são mencionados pela primeira vez na linha 38 da Ode (segunda linha da terceira tríade), e Píndaro refere-se a eles como Τυνδαρίδαις (38), filhos de Tíndaro:

³ FARNELL, 1930, p. 230.

⁴ STERN, 1969, p. 125.

⁵ BOWRA, 1964, p. 300.

⁶ YOUNG, 1993, p. 123.

ἔπεται δέ, Θεαῖε, ματρῶων πολύγνωτον γένος ὑμετέρων
εὐάγων τιμὰ Χαρίτεσσί τε καὶ σὺν Τυνδαρίδαις θαμάκις. (37-38)⁷

Teaio, a honra de concursos exitosos muitas vezes acompanhou a conhecida raça de seus ancestrais maternos, com a ajuda das Graças e dos Tindáridas.

Na primeira estrofe da quarta tríade, diz-se que cada irmão passa, alternadamente, um dia ao lado de seu querido pai, Zeus:

μεταμειβόμενοι δ' ἐναλλάξ ἀμέραν τὰν μὲν παρὰ πατρὶ φίλῳ
Δὶ νέμονται, τὰν δ' ὑπὸ κεύθεσι γαίης ἐν γυάλοις Θεράπνας,
πότμον ἀμπιπλάντες ὁμοῖον: (55-57)

Trocando de lugar alternadamente, eles passam um dia ao lado de seu querido pai, Zeus, e o dia seguinte nas profundezas da terra, nas caves de Therapne, cumprindo idêntico destino.

Píndaro menciona desde o princípio do mito o destino que terão os irmãos. Sendo irmãos, passarão um dia como deuses no Olimpo e o seguinte nas profundezas da terra, como o restante dos mortais, “cumprindo idêntico destino”, como é apropriado a irmãos que têm tudo em comum.

Na linha 59, Píndaro retrocede na sucessão de eventos e apresenta o conflito. Castor e Polideuces tiveram uma briga com seus primos, os Afarétidas, a respeito de gado⁸ e, quando Idas fere Castor, Linceu tenta atingir Polideuces, sem sucesso. Linceu, porém, é ferido por Polideuces, e Zeus derrota Idas com um raio, decidindo o resultado da batalha. Desse modo, os Afarétidas

⁷ O texto grego usado é o de Sandys (1937).

⁸ BOWRA (1964, p. 300) observa que “Píndaro glosa sobre a causa real e não muito respeitável da briga com os filhos de Afareu, e resume-a dizendo que Idas estava ἀμφὶ βουσὶν πῶς χολῶθεῖς, ‘enfurecido por algum problema envolvendo gado’ (60). Isso ajuda a absolver os Dióscuros de uma acusação de transgressão e coloca-os sob a mais favorável luz possível”.

recebem a punição de Zeus. Ao relatar o momento em que Polideuces se aproxima de seu irmão, Píndaro chama-o de Τυνδαρίδας, filho de Τίνδαρο:

ταχέως δ' ἐπ' ἀδελφεοῦ βίαν πάλιν χώρησεν ὁ Τυνδαρίδας,
καί νιν οὔπω τεθναότ', ἄσθματι δὲ φρίσσοντα πνοὰς ἔκιχεν (73-74)

Rapidamente, o filho de Τίνδαρο (Polideuces) voltou até seu irmão impetuoso e encontrou-o não morto ainda, mas estertorando, com a respiração intermitente.

Píndaro diz que Polideuces falou com seu pai, Zeus, rogando a ele pela vida de seu irmão Castor:

θερμὰ δὴ τέγγων δάκρυα στοναχαῖς
ὄρθιον φώνασε: πάτερ Κρονίων, τίς δὴ λύσις
ἔσσεται πενθέων; καὶ ἐμοὶ θάνατον σὺν τῷδ' ἐπίτειλον, ἄναξ.
οἴχεται τιμὰ φίλων τατωμένων φωτί: παῦροι δ' ἐν πόνῳ πιστοὶ βροτῶν
καμάτου μεταλαμβάνειν. (75-79)

Chorando lágrimas quentes com gemidos
falou em voz alta: Pai, filho de Cronos, que liberação
haverá para as penas? Ordene que eu também morra com ele, Senhor.
A honra de um homem se esvai quando ele é privado de amigos:
mas poucos mortais são confiáveis para dividir a lida em tempos árduos.

O problema da identidade dos irmãos ganha relevância nesta versão do mito. Para se chegar a uma compreensão profunda do tratamento desse assunto na Ode de Píndaro, é necessário recorrer aos antecedentes literários do mito. Gantz oferece uma boa compilação das fontes⁹. Ele explica que, na *Iliada* (3, 237-238), nada é dito sobre o pai de Castor e Polideuces, mas sugere-se que os irmãos tiveram uma morte normal e que “tal destino (...) depõe a favor de Τίνδαρο como seu progenitor¹⁰”. Gantz recorda que, na *Odisseia* (11, 298-300), diz-se

⁹ GANTZ, 1993, p. 323.

¹⁰ GANTZ, 1993, p. 323.

explicitamente que eles são filhos de Leda e Tíndaro, e que, na passagem da *Nékuia* (11, 301–304), sabe-se que eles têm igual honra sob a terra, passando um dia como vivos e o dia seguinte como mortos¹¹. Em seguida, Gantz menciona o *Ehoiai* (*Catálogo de mulheres*, atribuído a Hesíodo), os *Hinos Homéricos* 33 e 17 e um poema de Alceu (34aLP), nos quais Castor e Polideuces são filhos de Zeus e de Leda e seu padrasto é Tíndaro, mas são chamados de Tindáridas. Gantz explica que “Assim sendo, com uma mãe mortal, seria de se esperar que eles próprios também fossem mortais, apesar de serem descendentes de Zeus¹²”. Finalmente, Gantz se refere ao fato de que, na *Cípria*, Castor é mortal e Polideuces imortal, mas nada é dito a respeito de seu pai (fr. 8 PEG)¹³.

Na *Nemeia* 10, Píndaro sublinha que a escolha de Polideuces determinou seu próprio destino e o de seu irmão, e que essa escolha é consequência de sua lealdade e fidelidade para com o irmão. Zeus fala com Polideuces diretamente e deixa claro que ele é seu filho, e que Castor, por sua vez, é filho de Tíndaro:

Ζεὺς δ' ἀντίος ἦλυθέ οἱ
καὶ τόδ' ἐξαύδασ' ἔπος: ἔσσί μοι υἱός: τόνδε δ' ἔπειτα πόσις
σπέρμα θνατὸν ματρὶ τεῦ πελάσσις
στάξεν ἥρωος. (79–82)

E Zeus ficou frente a frente com ele e disse estas palavras: “Tu és meu filho; e depois o marido heroico, aproximando-se da tua mãe, depositou nela a sua semente mortal...”.

¹¹ GANTZ, 1993, p. 323.

¹² GANTZ, 1993, p. 323.

¹³ A abreviação LP designa os fragmentos de Safo e Alceu citados de acordo com E. Lobel e D. L. Page, *Poetarum Lesbiorum fragmenta* (Oxford, 1955) e a abreviação PEG refere-se aos Fragmentos da épica grega antiga, citados de acordo com a edição de A. Bernabé, *Poetae Epici Graeci 1* (Leipzig, 1987).

Quando Zeus oferece a seu filho Polideuces a possibilidade de escolher seu destino e o de seu irmão, Polideuces percebe que seus destinos estão conectados:

ἄλλ' ἄγε τῶνδέ τοι ἔμπαν αἴρεσιν
παρδίδωμ' : εἰ μὲν θάνατόν τε φυγῶν καὶ γῆρας ἀπεχθόμενον
αὐτὸς Οὐλύμπων θέλεις ναίειν ἐμοὶ σὺν τ' Ἀθαναίᾳ κελαινεγχεῖ τ' Ἄρει,
ἔστι τοι τούτων λάχος: εἰ δὲ κασιγνήτου πέρι
μάρνασαι, πάντων δὲ νοεῖς ἀποδάσασθαι ἴσον,
ἥμισυ μὲν κε πνέοις γαίᾳς ὑπένερθεν ἐών,
ἥμισυ δ' οὐρανοῦ ἐν χρυσεοῖς δόμοισιν.' (82-88)

Mas veja, concedo-te a escolha destas coisas; se tu quiseres, tendo escapado à morte e à odiosa velhice para viver no Olimpo comigo e com Atena e Ares de escura lança, podés ter tua porção nestas coisas; mas se tu pensas competir com o teu irmão e dividir com ele todas as coisas igualmente, então poderás respirar metade do tempo estando debaixo da terra, e metade do tempo nas mansões douradas dos céus.

A escolha de Polideuces é consequência da descoberta de sua identidade. Ao perguntar a Polideuces se ele quer dividir tudo igualmente com seu irmão, Zeus expressa o significado da palavra “irmão”. Significa ter tudo em comum e, com isso, compartilhar um mesmo destino. Polideuces, sem dúvidas, escolhe a vida do irmão, e essa escolha constrói sua identidade. Ele é não somente filho de Zeus, mas também irmão de Polideuces e filho do padrasto Tíndaro. Ao compreender sua identidade, Polideuces altera seu próprio destino e o de seu irmão.

Retornemos, portanto, ao restante da Ode para considerarmos como o tema da identidade encontra-se aí incluído. Bowra explica, a respeito desta Ode, que “a *Nemeia* 10 é composta para um argivo vitorioso numa época em que, após anos de derrota e humilhação,

Argos começa a reafirmar-se e a reconquistar parte de seu antigo poder¹⁴”. Assim, para melhor entendermos a exaltação de Argos na *Nemeia* 10 de Píndaro, é preciso conhecermos os eventos dos séculos VI e V a.C. que têm relação com esta cidade. Como explica Kelly, depois de Esparta ter conquistado Tegea, Argos logo entra em conflito com Esparta na assim chamada Batalha dos Campeões, em 546 a.C., da qual Esparta sai vencedora¹⁵. Kelly afirma que “A Batalha dos Campeões, em 546 (...) garantiu a Esparta uma posição predominante no Peloponeso, ao mesmo tempo que reduziu Argos a uma posição de importância secundária¹⁶”. Depois disso, em 494 a.C., Esparta derrotou os argivos em Sepeia¹⁷. No século V a.C., Argos começa a ressurgir. Tomlinson explica que “(...) Argos começou a encenar uma recuperação surpreendente. Isso ocorreu essencialmente no período que se segue às Guerras Persas e terminou em 451 a.C. Durante esse período, Argos promoveu uma guerra bem-sucedida contra Micenas e Tirinto, que terminou com a subjugação destes; a Argólida estava agora reunificada sob o controle argivo, e assim permaneceu¹⁸”.

A *Nemeia* 10 de Píndaro apresenta um louvor e uma exaltação de Argos, que começa com um pedido às Graças para celebrar Argos por seus feitos nobres:

Δαναοῦ πόλιν ἀγλαοθρόνων τε πενήκοντα κορᾶν, Χάριτες,
Ἄργος Ἦρας δῶμα θεοπρεπῆς ὑμνεῖτε: φλέγεται δ' ἀρεταῖς
μυρίαϊς ἔργων θρασέων ἕνεκεν. (1-3)

¹⁴ BOWRA, 1964, p. 300.

¹⁵ KELLY (1976, p. 137) declara: “Quando esse combate de curta duração - a assim chamada Batalha dos Campeões - mostra-se inconclusivo, segue-se uma batalha campal entre as forças espartanas e argivas. Depois de perdas vultosas de ambos os lados, os espartanos saem vitoriosos”.

¹⁶ KELLY, 1976, p. 137.

¹⁷ KELLY (1976, p. 141) afirma: “(...) a derrota argiva em Sepeia foi tão completa que aparentemente resultou em uma mudança governamental fundamental e uma completa revolução social na cidade, e os argivos usaram essa derrota como justificativa para permanecerem neutros durante as Guerras Persas, que eclodiram logo em seguida”.

¹⁸ TOMLINSON, 2014, p. 102.

Graças, cantai a cidade de Dânao e suas cinquenta filhas em tronos esplêndidos,
a Argos de Hera, casa à altura de um deus; ela arde com incontáveis
excelências devido a seus feitos bravios.

Uma longa tradição de feitos bravios forma a história/identidade de Argos. O prestígio conferido à cidade por seu passado mitológico é evidenciado na primeira tríade pela enumeração de suas figuras mitológicas. Píndaro menciona o rei Dânao e suas cinquenta filhas e, em seguida, a história de Perseu e da Górgona Medusa. Seguem-se Épafo e Hipermnestra, cuja decisão de deixar vivo seu marido é defendida por Píndaro. Depois, Diomedes, filho de Adrasto e rei de Argos. Depois dele, Anfiarau, rei de Argos que morreu em luta contra Tebas. Em relação a estes mitos, Race declara: “Na *Nemeia* 10, as glórias de Argos são caracterizadas desde o começo como numerosas e extensivas (“milhares de conquistas”, 3; “um conto longo”, 4; “muitas cidades”, 5)¹⁹”. A referência à quantidade é relevante aqui, pois os numerosos feitos gloriosos definem a história da cidade e sua identidade.

Depois da enumeração dos heróis, Píndaro menciona as belas mulheres relacionadas a Argos (καὶ γυναῖξιν καλλικόμοισιν ἀριστεύει πάλαι: 10 [“E Argos é desde há muito a melhor cidade com relação a mulheres de belos cabelos”]). Essas mulheres são Alcmena e Dânae, que, visitadas por Zeus, conceberam filhos notáveis, Hércules e Perseu. Em seguida, Píndaro volta à enumeração de homens ilustres: Talau, pai de Adrasto, e Linceu, ambos agraciados por Zeus com os dons da inteligência e da justiça, e Anfitrão, que foi auxiliado por Zeus na batalha contra os teleboas.

As intervenções de Zeus em todos esses mitos são extraordinárias e mostram como o deus favoreceu aqueles que executaram feitos excelentes; outros deuses, como Atena, também

¹⁹ RACE, 1986, p. 112.

tiveram participação importante²⁰. Compreendendo a importância dessa enumeração de heróis e heroínas, Bowra afirma que “Embora a *Nemeia* 10 apresente uma lista de heróis e heroínas argivos, trata-se de muito mais que mero adorno; trata-se de um tributo ao amor dos deuses por Argos no passado e, portanto, no presente²¹”.

Píndaro, de fato, magnifica Argos ao ponto de declarar-se incapaz de expressar em palavras a importância e a grandeza desta cidade:

βραχύ μοι στόμα πάντ' ἀναγήσασθ', ὅσων Ἀργεῖον ἔχει τέμενος
μοῖραν ἐσλῶν: ἔστι δὲ καὶ κόρος ἀνθρώπων βαρὺς ἀντίσσαι: (19-20)

Minha boca é pequena demais para contar a história de todas as coisas nobres nas quais o domínio de Argos tem parte.

Essa declaração começa na segunda tríade. A *aposiopese* permite a Píndaro efetuar a transição dos mitos que formam a história de Argos para a história do atleta Teaios. Ao mesmo tempo, esse dispositivo retórico exalta a grandeza da cidade, cujas façanhas gloriosas são tão numerosas que não é possível para o poeta mencioná-las em sua totalidade. Nesta tríade, Píndaro introduz o motivo da Ode: duas vitórias obtidas por Teaios nos Jogos de Hera em Argos, sua própria cidade (Οὐλία παῖς ἔνθα νικάσσαις δις ἔσχεν Θεαῖος εὐφόρων λάθραν Πόνων (24) [“Ali, o filho de Ulias, Teaios, tendo ganhado duas vezes, obteve o esquecimento dos labores pacientemente suportados”]).

²⁰ Perseu mata Medusa com a ajuda de Atena; Atena tornou Diomedes imortal; Zeus salvou Anfiarau da morte em Tebas e agraciou Talau e Linceu com inteligência e justiça, além de ser o pai de Perseu e de Hércules.

²¹ BOWRA, 1964, p. 326.

A referência a essas vitórias é acompanhada pela menção a vitórias anteriores de Teaios:

ἐκράτησε δὲ καὶ ποθ' Ἑλλανα στρατὸν Πυθῶνι, τύχα τε μολῶν
καὶ τὸν Ἴσθμοϊ καὶ Νεμέῃ στέφανον, Μοῖσαισὶ τ' ἔδωκ' ἄρόσαι,
τρὶς μὲν ἐν πόντοιο πύλαισι λαχῶν,
τρὶς δὲ καὶ σεμνοῖς δαπέδοις ἐν Ἀδραστείῳ νόμῳ. (25–28)

Depois de prevalecer sobre o exército em Pytho
e tendo partido com boa sorte, ganhou a coroa no Istmo e
em Nemeia, e deu às Musas um campo para arar,
tendo-a recebido três vezes como seu quinhão nos portões do mar
e três vezes em solo sagrado, de acordo com a ordenação de Adrasto.

Comentando os sucessos de Teaios, Race afirma:

O vitorioso é o verdadeiro reflexo de sua cidade: também ele tem inúmeros feitos para contar. Além das vitórias nos jogos locais e em jogos menores, ganhou uma coroa pítica, três ístmicas e três nemeias. A única vitória que não conquistou foi uma olímpica, e Píndaro suplica a Zeus (o vitorioso é estrategicamente retratado como demasiado tímido para dizê-lo abertamente) para que Teaios obtenha também essa vitória²².

O vitorioso pode ser considerado um verdadeiro rebento da cidade. Píndaro louva a sua pessoa, mas também declara que toda a glória vem de Zeus (πᾶν δὲ τέλος /ἐν τὴν ἔργων (29–30) [“Toda a realização dos feitos está em ti (Zeus)”]. Depois das vitórias de Teaios, Píndaro enumera as de sua família e explica que os parentes de Teaios por parte de mãe obtiveram vitórias notáveis com a ajuda dos Tindáridas, que no passado foram hóspedes de um de seus ancestrais. Como reconhece Carne-Ross, essa história “ajuda em grande medida a compreender a vitória²³”. Ele explica:

²² RACE, 1986, p. 112.

²³ CARNE-ROSS, 1985, p. 81.

Aquela visita foi onde tudo começou; uma marca tão direta de um favor divino deixa uma impressão na família por gerações e ajuda muito a explicar suas conquistas atléticas, já que os gêmeos eram eles próprios grandes atletas e patronos dos jogos²⁴.

A identidade da família parece, portanto, modelada pela participação das Graças e dos Dióscuros, que eram atletas e protetores dos atletas. Píndaro declara:

Κάστωρος δ' ἔλθόντος ἐπὶ ξενίαν παρ Παμφάη
καὶ κασιγνήτου Πολυδεύκεος, οὐ θαῦμα σφίσι
ἐγγενὲς ἔμμεν ἀεθληταῖς ἀγαθοῖσιν: (49-51)

Tendo Castor e seu irmão Polideuces vindo a Pamphaës buscando hospitalidade, não espanta que lhes seja inato serem bons atletas.

Vale mencionar que o prestígio que define a família de Teaios já havia sido exaltado nas linhas 39-41, onde Píndaro declara que, fosse ele parente de Trasíclo e de Antias, não ocultaria a luz de seus olhos (ἀξιοθείην κεν, ἐὼν Θρασύκλου/ τε ξύγγονος, Ἄργει μὴ κρύπτειν φάος / ὀμμάτων [“Acharia certo não ocultar a luz de meus olhos em Argos”]). Farnell explica o sentido da expressão:

Teaios e sua família estão agora estabelecidos em Argos, mas suas tradições ainda estão ligadas a Tirinto, para onde seus ancestrais recentes levaram muitos triunfos atléticos. Tirinto havia caído recentemente, portanto, ele e sua família deviam estar entre aqueles tirintianos que, segundo a tradição argiva (Paus. ii. 25.8), foram transferidos pelos argivos para reforçar a diminuída população de Argos”. Isso joga nova luz sobre uma passagem (39-41), cuja força não foi notada: Píndaro diz sobre eles algo que não diz sobre a família de nenhum outro vitorioso: “fosse eu da sua estirpe, não abaixaria meus olhos em Argos”. Ele diz isto, pois os novos colonos de Tirinto estavam sujeitos ao desprezo dos antigos habitantes. Então, encoraja-os: “Teaios e sua família, tendo ganhado tais distinções em sua antiga casa, podem olhar todos argivos de frente²⁵”.

²⁴ CARNE-ROSS, 1985, p. 81.

²⁵ FARNELL, 1932, p. 321.

Muitos termos são usados na primeira e na segunda tríades para enfatizar a longa lista de feitos nobres que conferem prestígio a Argos (ἀρεταῖς μυρίαῖς, “incontáveis excelências” (2-3); μακρὰ, “duradouras” (4), referindo-se às ações de Perseu; πολλὰ “muitas” (5), sobre as cidades fundadas por Érafo; πάλαι “há muito tempo” (10), sobre Argos que desde há muito é a melhor cidade com relação a mulheres de belos cabelos; κόρος ἀνθρώπων “saciedade dos homens” (20)). Expressões similares são empregadas na segunda tríade para referir-se às conquistas da família de Teaiο (νικαφορίαῖς γὰρ ὅσαις Προίτιο τόδ’ ἵπποτρόφον / ἄστυ θάλησεν Κορίνθου τ’ ἐν μυχοῖς (41-42) [“pois com tão grandes vitórias esta cidade criadora de cavalos de Proteu floresceu nos vales de Corinto,”], e ἀλλὰ χαλκὸν μυρίον οὐ δυνατὸν / ἐξελέγγειν: μακροτέρας γὰρ ἀριθμῆσαι σχολᾶς: (45-46) [“mas não é possível refutar por completo os incontáveis prêmios de bronze”]).

Race relaciona a história do vitorioso com o mito de Castor e Polideuces, dizendo que os gêmeos cuidam dos homens justos e são fiéis, e que “essas duas qualidades, ‘compaixão’ e ‘fidelidade’ são as principais notas da narrativa subsequente sobre a amizade de Castor e Polideuces²⁶”. Fraccaroli também observa uma conexão entre as duas partes da Ode:

[...] la sentenza che gli Dei non vengono meno ai loro devoti, che era stata posta come riassunto dei fatti prima annoverati, ha un nuovo e piú magnifico svolgimento nel mito, e forma il nesso di continuità tra le due parti dell’ode²⁷.

Nos mitos mencionados na primeira tríade (1-18), Píndaro deixa claro que os deuses, Atena e Zeus, intervieram e favoreceram seus protegidos e que também alteraram seus destinos. Quando Castor e Polideuces brigam com seus primos, os Afarétidas, Zeus intervém decidindo o

²⁶ RACE, 1986, p. 112.

²⁷ FRACCAROLI, 1894, p. 627.

resultado da batalha. Os Afarétidas recebem a punição de Zeus (καὶ πάθον δεινὸν παλάμαις Ἀφαρητίδαι Διός (65) [“e os Afarétidas sofreram terrivelmente pelos dispositivos de Zeus”]. Zeus também participa de vários mitos mencionados na primeira parte da Ode. A conexão entre os mitos apresentados na primeira tríade, o conto de Castor e Polideuces na quarta e na quinta tríades e a história das vitórias atléticas de Teaios, situada no meio (tríades 2 e 3), fica evidente, sem dúvidas, pela referência à intervenção dos deuses (e dos Dióscuros no caso da família de Teaios) e pela menção dos prêmios concedidos pelos deuses aos feitos nobres e às ações corajosas de seus protegidos.

Faz-se importante sublinhar que essa relação traz à luz um tópico importante, que engloba todos esses mitos: o tópico da identidade. À medida que a identidade de Polideuces é moldada por sua lealdade ao irmão e pela intervenção de Zeus, a identidade do vitorioso é formada por suas conquistas e pelas marcas deixadas em sua família a partir dos numerosos sucessos de seus membros, devido ao favor das Graças e dos Dióscuros. A identidade de Argos, por sua vez, é modelada por uma longa tradição de heróis e heroínas que gozaram do favor dos deuses devido à sua excelência e coragem. Se a *Nemeia* 10, como nos lembra Bowra, foi apresentada numa época em que Argos recuperava parte do seu antigo poder após anos de derrota²⁸, o tema da identidade de Argos torna-se fundamental. Argos precisa reafirmar sua identidade, e uma boa maneira de o poeta ajudá-la é recordando, juntamente com as conquistas do vitorioso, os heróis e heroínas que formaram a história da cidade e a situação privilegiada de que desfrutavam por serem favorecidos pelos deuses.

Portanto, a conexão entre a situação do vitorioso e o mito de Castor e Polideuces mostra-se fundamental, já que os feitos gloriosos da família de Teaios são explicados como

²⁸ BOWRA, 1964, p. 300.

favores concedidos pelos Dióscuros em retribuição à hospitalidade de um de seus membros. Da mesma forma, as ações notórias dos heróis e heroínas da cidade de Argos são explicadas como prêmios concedidos pelos deuses por sua excelência e coragem. Finalmente, assim como Castor e Polideuces tornam-se ao mesmo tempo mortais e imortais devido à sua lealdade e amizade por meio da intervenção de Zeus, o vitorioso é recompensado de modo semelhante pelos deuses com glória e imortalidade (fama) por suas conquistas e pelas boas ações de sua família. A cidade de Argos, por sua vez, alcança imortalidade e glória semelhantes graças à longa tradição de feitos nobres que construiu sua identidade.

Bowra afirma que “Píndaro pretendia que seus mitos tivessem um propósito educativo, que ele reforçou com máximas em momentos proeminentes²⁹”. Nesta Ode, Píndaro enfatiza que a tradição e os traços inatos (história) que constituem a identidade de uma pessoa ou cidade são resultado não só de herança, mas também das escolhas pessoais feitas em relação aos outros homens e aos deuses. Ele ensina que atos bons e nobres são recompensados pelos deuses, que não somente garantem o sucesso, mas também contribuem para a definição da identidade daqueles que executam tais atos, e agraciam-nos não somente com a glória, mas ainda com a imortalidade. Esta Ode pode ter funcionado como um meio de encorajar e dar reconhecimento a Argos e ao vitorioso. Mesmo agora, ela traz confiança a qualquer um que comece a duvidar de sua própria identidade depois de um período de desencorajamento e dúvidas. Duas *gnomai* desta Ode são cruciais para atingir este objetivo. A primeira, situada nas linhas 29-30, afirma que πᾶν δὲ τέλος /έν τὴν ἔργων (29-30) (“Toda a realização dos feitos está em ti (Zeus)”). A segunda, na linha 54, lembra-nos que θεῶν πιστὸν γένος (“a raça dos deuses é confiável”).

²⁹ BOWRA, 1964, p. 292.

Referências bibliográficas:

- BOWRA, C. M. *Pindar*. Oxford: Clarendon Press, 1964.
- BURY, J. B. *The Nemean odes of Pindar*. London: Macmillan and Co., 1890.
- CARNE-ROSS, D. S. *Pindar*. New Haven and London: Yale University Press, 1985.
- FARNELL, L. R. *The works of Pindar*. Translated with Literary and Critical commentaries. Vol. 1: Translation in Rhythmical Prose with Literary Comments. London: Macmillan and Co., 1930.
- _____. *The works of Pindar*. Translated with Literary and Critical commentaries. Vol. 2: Critical commentary. London: Macmillan and Co., 1932.
- FRACCAROLI, G. *Le odi di Pindaro*. Verona: Stabilimento Tipo-Lit. G. Franchini, 1894.
- GANTZ, T. *Early Greek myth: a guide to literary and artistic sources*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1993.
- MARCH, J. R. *Dictionary of classical mythology*. 2nd ed. Oxford: Oxbow Books, 2014.
- NORWOOD, G. *Pindar*. California: University of California Press, 1956.
- RACE, W. H. *Pindar*. Boston: Twayne Publishers, 1986.
- RINGLEBEN, J. “Pindar’s celebration of peace. An interpretation of the 10th Nemean ode”, In: *Ars Disputandi* 2, 2002, pp. 57-65.
- SANDYS, J. *The odes of Pindar, including the principal fragments*. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1937.
- STERN, J. “The myths of Pindar’s *Nemean 10*”. In: *Greek, Roman and Byzantine Studies* 10, 1969, pp. 125-132.
- TOMLINSON, R. *Argos and the Argolid: from the end of the Bronze age to the Roman occupation*. Abingdon: Routledge, 2014.
- VERDE CASTRO, C. V. “*Nemea 10* o el mito de los eternos valores”. In: *Synthesis* 3, 1996, pp. 109-118.
- YOUNG, D. C. “‘Something like the Gods’: a Pindaric theme and the myth of *Nemean 10*”, In: *Greek, Roman and Byzantine Studies* 34, 1993, pp. 123-132.

